

O casamento tradicional na Guiné-Bissau: o K'mari na etnia Papel

Yolanda Victor Monteiro Garrafão¹

Carlos Subuhana²



Resumo: O presente artigo visa analisar a percepção das mulheres da etnia papel sobre o casamento tradicional (*k'mari*) na Guiné-Bissau, tendo como finalidade averiguar o significado do casamento tradicional na reprodução social papel. A escolha do tema se deve à necessidade de conhecer de perto o casamento desta etnia, aprofundar e conhecer a realidade do processo ritual de iniciação das mulheres através do casamento tradicional, e saber qual é a sua importância e o seu impacto na sociedade e tradição cultural papel. A principal questão teórica deste trabalho é o casamento e/ou matrimônio e seus simbolismos. Outros temas, como cerimônia, ritual e ritos de passagem foram analisados a partir da questão principal. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. O material aqui analisado foi coletado através de entrevistas semi-estruturadas (com questões abertas e fechadas), que foram realizadas em Bissau, capital da Guiné-Bissau, em 2016. As entrevistadas são originárias da região de Biombo, e todas são da etnia papel e casadas no tradicional (*k'mari*). Conclui-se, a partir do estudo, que o casamento tradicional papel (*k'mari*) é de extrema importância na vida das mulheres dessa etnia guineense, pois só depois que a mulher se casa tradicionalmente é que passa a se sentir mais completa, mais resolvida, com mais *status* e útil para a sociedade.

Palavras-chave: Guiné-Bissau; casamento tradicional; etnia papel.

¹ Bacharelado em humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB; Estudante de Licenciatura em Sociologia na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. [E-mail: yolandagarrafao@gmail.com](mailto:yolandagarrafao@gmail.com)

² Orientador - Doutor em Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro – ESS/UFRJ; Professor Adjunto da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB. E-mail: subuhana@unilab.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar a percepção das mulheres da etnia papel quanto ao casamento tradicional (*k'mari*) na Guiné-Bissau, tendo como finalidade averiguar o significado do matrimônio tradicional na reprodução social entre os Papéis da Guiné-Bissau.

Acreditamos que este trabalho é de grande relevância acadêmica, por se tratar de um material teórico e acadêmico que possibilitará aos novos acadêmicos ter conhecimento relativo ao casamento na sociedade das mulheres papéis.

A pesquisa me possibilitou adquirir conhecimentos sobre o casamento tradicional (*k'mari*) papel, que por sinal é o meu grupo étnico. As perguntas de partida foram as seguintes perguntas: 1) por que é que as mulheres da etnia papel privilegiam e/ou valorizam o casamento tradicional? 2) como o casamento tradicional contribui para educação das mulheres papéis? 3) qual é o contributo do casamento tradicional na mudança do *status* social das mulheres papel.

2. Contextualização teórica

A principal questão teórica deste trabalho é o casamento e/ou matrimônio e seus simbolismos. Segundo Mary Douglas (1987 *apud* FGV, 1087), o termo casamento refere-se aos arranjos para a união aprovados pela sociedade, com referência especial ao relacionamento institucionalizado entre marido e mulher; designa também as cerimônias que servem para estabelecer tais relacionamentos.

Ainda segundo Mary Douglas (1987 *apud* FGV, 1987), no uso comum, casamento inclui duas ideias distintas: a) a de que o homem e a mulher vivem juntos, em geral com intenção de fundar uma família; b) a de que há casamento e formas de união sexual denominadas pré-maritais, extramaritais, adúlteras etc. Essa distinção às vezes é essencial para a definição de casamento: “uma simples relação sexual sem a intenção de vida conjunta e criação de filhos, não constitui de modo algum o casamento” (BURROWS, 1944 *apud* FGV, 1987). Douglas argumenta que na análise das sociedades modernas, o uso geral do termo segue tal definição, mas os arranjos para a união nas sociedades estudadas pelos antropólogos sociais revelam tanta diversidade, que é impossível encontrar uma definição bastante ampla e que não seja tautológica. Por essa razão, segundo Douglas (1987 *apud* FGV, 1987), o normal é deixar a palavra casamento sem definição e usá-la apenas como termo chave, que indica um número de características que podem ser encontradas nas várias combinações de diferentes sociedades. Mary Douglas diz que, nesse enfoque, o casamento pode possuir todas ou apenas algumas das seguintes funções: a) estabelecer o *status* legal dos filhos das partes que contraem o casamento; b) transferir direitos para cada uma das partes: i) domiciliar; ii) da sexualidade do outro; iii) da propriedade (para beneficiar os filhos do casamento); c) estabelecer uma aliança ou relação de afinidade entre os parentes das partes; d) obter o reconhecimento público da relação

Moreira (1994), por sua vez, diz que na teoria antropológica o casamento surge como um conceito à volta do qual não se reúne um consenso global. Ainda segundo a autora citada, a multiplicidade das implicações (jurídicas, éticas, econômicas e rituais) e a diversidade de situações que abarca, consoante com as particularidades do contexto sociocultural em que

tem lugar, em muito contribuíram para a falta de consenso sobre a definição de casamento. Moreira (1994) considera o casamento, a maneira de Peter Rivière, como “uma das formas de relacionamento entre os papéis conceptuais femininos e masculinos, representando a sua forma legítima por excelência”. Este aspecto, segundo Moreira, decorre do fato dele geralmente estabelecer as bases legítimas da filiação, ordenando o socialmente hipotético ‘caos’ gerado por uma fecundidade não controlada. Deste modo, ainda segundo Moreira, se compreende que o casamento pode ser entendido como um meio de ordenar a capacidade procriadora feminina, daí se considera frequentemente que a posição do homem e da mulher, perante esta instituição, não é idêntica.

3. Metodologia

O material aqui analisado foi coletado através de entrevistas semiestruturadas (com questões abertas e fechadas), que foram realizadas em Bissau, capital da Guiné-Bissau, mas todas as entrevistadas são originárias da cidade de Quinhamel, região de Biombo. No total foram realizadas 06 (seis) entrevistas, com uma média de 30 minutos de duração, entre os meses de maio de 2016 até outubro de 2016. Todas as entrevistadas são da etnia papel, casadas no tradicional (*k'mari*), a média de idade das entrevistadas é de 33 anos. A mais nova tem 25 e a mais velha 42 anos de idade. Dessas a de 42 anos está casada há 22 anos. A de 25 anos está casada há um ano no tradicional, mas não mora mais com o marido. Das 06 (seis) entrevistadas, uma nunca frequentou uma escola oficial e as demais são escolarizadas, sendo que a que tem um nível mais alto concluiu a 9ª classe (série).

A escolha das entrevistadas foi aleatória. Tivemos o cuidado de entrevistar apenas mulheres casadas tradicionalmente (*K'mari*) e que fossem da etnia papel. As entrevistas ocorreram nas casas das interlocutoras e foram armazenadas em um gravador, com o consentimento das interlocutoras e posteriormente enviadas via e-mail da Guiné-Bissau para o Brasil, onde foram transcritas e traduzidas do crioulo da Guiné-Bissau para o português.

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa. Segundo Strauss & Corbin (1990), pesquisa qualitativa é a definida como sendo aquela que os resultados obtidos não são provenientes dos procedimentos estatísticos ou outros de quantificação. Triviños (1994) diz que muitas pesquisas de natureza qualitativa não precisam apoiar-se na informação estatística. Isto não significa que sejam especulativas. Elas têm um tipo de objetividade e de validade conceitual, que contribuem decisivamente para o desenvolvimento do enfiamento científico.

E um tipo de pesquisa que, segundo Strauss & Corbin (1990), pode ser uma pesquisa relacionada ao modo de vida das pessoas, histórias, comportamentos, como também sobre o funcionamento organizacional, movimentos sociais ou de relações de interações. Alguns dados podem ser quantificados tal como acontece com as informações do censo, mas que, a análise por si só é qualitativa.

4. GUINÉ-BISSAU

4.1. Localização geográfica

Aqui pretendemos mostrar o contexto histórico e geográfico da Guiné Bissau. Segundo Augel (2007), a Guiné Bissau está situada na costa ocidental da África, estendendo se por uma área de 36.125km, a superfície habitada é apenas 24.800km, devido a inundações, marés fluviais e alagamentos feitos pelas chuvas. Tem uma população compreendida em

cerca de um milhão e quinhentos habitantes, tem a fronteira com a república de Senegal ao norte e ao leste e sul com a república de Guiné Conakry, é banhada pelo oceano Atlântico por toda a extensão ocidental. Além do território continental também se acrescenta o território banhado pelo mar, ou seja, o arquipélago de Bijagós com mais de 80 ilhas.

4.2.1. Os papéis

Segundo Américo Gomes (2016, p. 11), os papéis foram os primeiros habitantes de ilha de Bissau. A hipótese mais aceita, segundo o autor, baseia-se na tradição oral e faz preceder os papéis, habitantes de Bissau, aos biafadas. Segundo esta tradição, Mecau, filho de um rei de Quinara, andando à caça, chegou à ilha de Bissau. Gostou muito do lugar e resolveu aí instalar-se. Trouxe, depois, as suas seis esposas e também a sua irmã mais velha, já casada. A irmã garantia-lhe a sucessão, de acordo com o costume matriarcal, segundo o qual é o sobrinho, filho da irmã mais velha e não o filho do rei, quem sucede ao trono. Mecau seria, pois, o primeiro rei de Bissau.

Da sua irmã e das seis mulheres ter-se-iam originado as sete gerações (clãs) da etnia papel. *Pungenhum*, a irmã de Mecau gerou o clã *Intchassu*, no plural *Bissassu*, donde se teria originado o nome Bissau. De fato, este clã ainda hoje habita na cidade de Bissau. Gomes diz que os indivíduos desta geração se diziam bravos como a onça e por isso escolheram o apelido *Nanque*. Hoje também usam o apelido *Ié*. Ocupavam posições de mando: eram reis, fidalgos ou *djagras mala*. Uma das seis mulheres, gerou o clã *Intsó* (plural: *Bitsó*) que povoou Bandim. As pessoas desta geração escolheram como totem o sapo – *Có* – porque se dedicavam à agricultura, andavam metidos na água como os sapos. *Intsoma* outra mulher, gerou o clã *Indjokomo*, no plural *Bidjokomo*, que povoou o alto Crim. Tinham como totem a hiena – *Cá* – pois eram destemidos guerreiros, atacavam como as hienas. *Djokom*, a terceira mulher, gerou o clã *Intsafinte*, no plural *Bitsafinte*, que povoou Safim. Usavam como totem a lebre – *Té* – pois diziam-se matreiros como a lebre. *Kliker*, a quarta mulher, originou o clã *Iga*, no plural *Biga*, que povoou Kliker (atualmente Calequir). Esta geração escolheu como totem a cabra do mato – *Sá* – pois afirmavam serem rápidos como este animal. *Intende*, a quinta esposa, gerou o clã *Intsutu*, no plural *Bitsutu*, que povoou Mindara. Usavam como totem o *timba* ou urso formigueiro – *Djô*. Finalmente, *Intchopolo*, a sexta mulher, gerou o clã *Intsalé* (plural: *Bitsale*) que foi para Bissalanca. Esta geração escolheu como totem o macaco – *Indi* – pois eram hábeis para subir às palmeiras e extraírem o vinho de palma. Dos locais onde viviam estes clãs, expandiram-se depois para todos os pontos da região, sem discriminação territorial. (GOMES, 2016, p.11).

De acordo com Gomes era considerado incestuoso o casamento entre indivíduos do mesmo clã ou geração (em crioulo, *djorson*) e, por isso, o casamento tinha de ser exogâmico, isto é, entre indivíduos de clãs diferentes. Quanto aos apelidos, inicialmente eles eram os da geração da mãe, mas mais tarde passaram a ser usados os da geração do pai. Odete Semedo (2010) diz que os portugueses pagaram tributo aos régulos papéis até finais do século XIX, altura em que impuseram o pagamento dos impostos de cabeça e de palhota aos nativos. Segundo a autora, o nome dessa etnia estaria ligado ao relacionamento difícil com o colonizador. Os habitantes da ilha de Bissau, muito rebeldes, nunca quiseram pagar impostos de palhota e de cabeça impingidos pelos colonizadores e sempre que recebiam a notificações de pagamento, levavam o ‘o papel’ diretamente à administração, reclamando serem eles filhos do chão (terra) e por isso não deveriam pagar nada. Assim, sempre que os homens apareciam, os brancos exclamavam: “aí vêm os homens do papel!”. E o nome ficou.

Quem passou essa informação para Odete Semedo foi a tia Maria Nank, uma das suas informantes. Na língua local (papél) esse grupo se autodomina *ussau*; os papéis de Biombo se autodenominam *yum*.

5. O significado e as razões que sustentam o casamento tradicional (*k'mari*) entre os papéis da Guiné-Bissau

De acordo com Có (2010), o ritual de passagem mais importante das mulheres papéis é o casamento tradicional (*k'mari*) e espera-se que toda mulher dessa etnia passe por ele. Segundo Einararsdottir (2004), caso a mulher não passe pelo casamento tradicional papél, não será devidamente enterrada, o que acarreta consequências negativas durante a vida e até após a morte. O marido (ou o seu herdeiro)³, ou qualquer homem que tenha pago o preço da noiva por uma mulher é responsável por realizar 'a cerimônia de bater o *bombolom*' (*toca tchur*) para ela. Sem a realização desta cerimônia, segundo a autora, a alma de uma mulher não poderá se instalar no outro mundo.

9 O casamento tradicional (*k'mari*) pode mais tarde ser reforçado ou não com o casamento civil, dependendo da decisão dos noivos. Uma mulher casada deve ser enterrada na casa de seu marido (*morança*) e ele deve providenciar tudo que for necessário, como o véu tradicional de noiva, fabricado em pano de pente (pano di penti)⁴, coveiros, esteiras (*ondjenzsem*)⁵ para a realização desta cerimônia fúnebre. Có (2010) diz que é o sonho de todas as mulheres papéis, terem um ritual fúnebre especial que demonstre a sua grandeza e respeito perante a sociedade papél.

Ainda segundo Einararsdottir (2004), o marido (ou seu herdeiro) herda pertences particulares da finada, tais como vestimentas e ornamentos, armazenados em sua mala. Segundo Bomebu, uma de nossas entrevistadas, uma das principais razões que sustentam a prática do casamento tradicional para as mulheres papéis "é de

Seguir os ancestrais [...], e quando a mulher papél não se casa tradicionalmente é considerada como 'ninguém', sem respeito. Elas se casam certamente para garantir esse respeito na família e na sociedade", pois deixam de ser *badjuda* e/ou *m'pili* (menina ou moça) e passam a ser *mindjer* e/ou *neguine* (mulher).

As seis mulheres entrevistadas estão casadas no tradicional (*K'mari*) e nenhuma delas está casada no civil⁶, nem no islamismo ou mesmo no cristianismo. Das seis, cinco casaram de livre vontade e uma foi forçada pelos seus pais. Vale notar que as mais novas, principalmente

³ 'Marido tradicional, herdeiro da mulher caso a mesma morra.

⁴ O pano de pente é usado pelas 28 etnias que compõem a sociedade guineense. Trata-se de uma tradição bem antiga. Cada etnia usa um padrão que a identifica, por exemplo, as noivas da etnia fula usam um véu liso todo branco. As noivas da etnia Papél usam um véu em tons rosa, branco e preto, cobrindo um vestido branco. Após 3 dias de recolhimento, onde é tratada pelas pessoas idosas com experiências em rituais tradicionais, a noiva é apresentada ao noivo e restantes membros da família e amigos.

⁵ Sendo casada, ao morrer o seu funeral será realizado com base na *Ondjenzsem*, sendo uma mulher de valor e respeito para a sociedade papél, caso contrário terá uma cerimônia fúnebre de *Onbamssam*, o que quase todas as mulheres da etnia papél não deseja.

⁶ O casamento tradicional (*k'mari*) pode mais tarde ser reforçado ou não com o casamento civil, dependendo da decisão dos noivos.

as que vão à escola, nem sempre aceitam se casar com o homem escolhido pelos pais e parentes (casamento arranjado) e há quem defenda que nunca se deve forçar uma filha a se casar com um homem que ela não gosta.

Fui forçada pelos meus pais [...]. Por essa razão, não prestei muita atenção no ritual do meu casamento porque foi contra a minha vontade. Foi uma coisa arrumada pelos meus pais e eu nem conhecia o meu marido. Mas no dia do ritual foi cortada a linha (laço de casamento) e o meu marido me levou ao seu aposento. Lá tive que fugir para a selva, onde fiquei durante três dias. Depois voltei por conta da fome para a casa da minha avó materna. Ela me deu dinheiro, que usei para pagar o meio de transporte para a cidade de Bissau, onde morava a minha tia. Uma vez em Bissau, os meus pais me deixaram em paz, e não voltei mais para casa do meu marido. (BOM'NGLO, 25 anos).

Quando perguntadas sobre as principais consequências do casamento tradicional, tanto para aquelas que são forçadas a casar tradicionalmente como para suas famílias as respostas variam. Umam dizem que tem consequências positivas e outras dizem que tem consequências negativas. A Bomebu, por exemplo, diz que a mulher deve escolher o marido, “mas as vezes dá certo quando o noivo é escolhido pelo pai da noiva”.

Tem consequências negativas porque se a mulher for forçada para casar, após o casamento ela pode recusar e voltar com o seu namorado [escolhido por ela]. Nesse caso ela não poderá casar com o seu namorado no k'mari porque casamento tradicional é só uma vez e se por ventura a mulher tiver filho com o namorado, esse filho vai pertencer ao marido tradicional. (ABIRO UEN LO).

De uma maneira geral, a verdade é que algumas mulheres fogem antes ou depois do casamento. Das que fogem, umas conseguem dar continuidade aos seus estudos e outros projetos de vida. Entretanto, uma vez na escola, há aquelas que acabam ficando grávidas precocemente, seja com colegas da escola ou não. Das que não fogem, umas casam devidamente e preferem acreditar que com o tempo vão aprendendo a amar o marido arranjado. Vejamos o que diz umas das entrevistadas da Junina: “Tive sorte, estive casada contra a minha vontade e meu casamento é bom”.

De fato, os pais com mais frequência do que as mães preferem arranjar homens de sua confiança a se casarem com a filha, mas as meninas que escolhem seus próprios maridos nem sempre são tão sortudas, pois elas podem descobrir que seu marido é um feiticeiro, ou ela acabar não gostando da família do marido. Quando perguntadas as nossas entrevistadas no que consiste o casamento tradicional, as falas das nossas entrevistadas foram quase unânimes e muitas delas afirmaram que consiste em seguir a tradição dos ancestrais e garantir respeito na sociedade e na família.

Todos os processos rituais dos casamentos de nossas interlocutoras foram custeados pelos noivos e suas famílias e a justificativa é a de que pelas exigências da tradição o noivo é que tem o dever de custear a cerimônia e pedir a mão da noiva em casamento. Segundo Einararsdottir (2004), muitas vezes o casamento tradicional exige custos altos, o que faz com que o noivo e sua família mobilizem recursos para a materialização do matrimônio. O ‘preço da noiva’ deve ser pago à família da noiva. As duas famílias do futuro casal têm a obrigação de organizar e se envolver nos preparativos da cerimônia. É comum ouvir dizer

que um jovem migrou para o Senegal ou para o interior da Guiné-Bissau a fim de ganhar o dinheiro necessário para financiar o preço de noiva (EINARARSDOTTIR, 2004, p 35).

Entre os gastos, percebemos que os itens e/ou produtos mais citados pelas nossas entrevistadas foram:

- dinheiro, correspondente ao preço da noiva. Os principais beneficiários desse valor são o pai e o tio materno da noiva.
- animais domésticos (cabras, cães, porcos e galinhas). A cabra e o cão são sacrificados durante o processo ritual do casamento onde ocorrerá o enlace dos noivos. Entre os dois animais, segundo Pires (2013), o cão é o mais importante, pois representa o símbolo da união. No momento do seu sacrifício, caso o cão chore mais de uma vez, isso será interpretado como indício de maldição e/ou bruxaria ao futuro casal. A saída encontrada é procurar um adivinho que vá desvendar a causa dos choros repetidos do cão, a fim de se saber se o problema a ser resolvido, depois do casamento, está no homem ou na mulher. O porco e as galinhas são sacrificados na cerimônia de lavagem da noiva.
- bebidas: aguardente, vinho de palma e mel. Finalidade: consumo durante a festa.
- comida: bolo feito de farinha de arroz da terra. Finalidade: consumo durante a festa.

Teve gastos primeiro. O meu marido foi fazer pedido com um litro de aguardente e duas folhas de tabaco para meu pai; [...] seis panos de pente [...] para a minha mãe. Meu pai liberou e deu a mão em casamento a ele. Primeiramente fizemos o ritual de lavagem, no local onde fui entregue pelo meu pai, como forma de agradecimento aos *balobas*⁷ que me protegeram. No mesmo local foi feito sacrifício de 4 galinhas, de acordo com o número de *balobas* onde fui entregue pelo meu pai, afim de ter proteção; uma cabra, um porco e um cão; e farinha de arroz de terra para a festa. (BONHONIM).

Pela sua importância, vejamos como a Bomebu, nossa entrevistada, fala das principais etapas do casamento tradicional:

Primeiro o noivo leva um litro de aguardente para pedir mão da noiva em casamento. Depois de aceitação dos pais, ou seja, da família da noiva, o marido faz a farinha para fazer laço de casamento, uma declaração que pretende realmente casar a noiva. Mas essa declaração [e/ou pedido da mão em casamento] pode ser feita [com antecedência, havendo casos de meninas que são prometidas em casamento após o seu nascimento], a família todo fica sabendo que a noiva já está prometida, mas é possível fazer laço de casamento e casar no mesmo mês. Para o casamento o noivo faz o levantamento de todas coisas necessárias e os pais da noiva explicam quais as coisas necessárias, que são uma quantia de dinheiro, farinha, bebidas, animais (cão, cabra, galinhas porcos), e ainda o marido da noiva tira dinheiro para fazer festa de despedida de solteira com suas colegas (dançam e brincam). Durante o ritual a mulher, ou melhor, a tia do noivo vai buscar a noiva e leva para aldeia do marido [moranza], ou seja, na casa do marido. Ali a noiva é cortada a laço de compromisso “ corta linha”, que quer dizer que já está na mão do noivo. Antes era cortado todo o cabelo da noiva, sendo que hoje já tem opção de tirar só um bocado de cabelo. Fazem a comida de molho de dendê e leite para a noiva, as acompanhantes da noiva e os convidados comerem. Também no ritual fazem sacrificio de cão, porco, cabra, galinhas dependendo de quantas balobas (lugar sagrado) ” a mulher deve fazer lavagem” (BOMEBU).

Einararsdottir (2004), em sua pesquisa sobre o casamento Papel, narra com um pouco de detalhe sobre o casamento do jovem João, que diz que com a ajuda de sua mãe e de sua família comprou vários itens como arroz, panos, um cachorro, um vinho, um porco e galinhas

⁷ *Balobas*: composto de espíritos.

para dar à família da menina. O noivo João e vários parentes da linhagem do seu pai, foi até o apartamento da noiva para buscá-la. A autora acrescenta que no ato da cerimônia do casamento a noiva sentou-se de joelhos na frente do Irã (espírito) e em seguida o João foi buscá-la. O noivo e sua família despiram a noiva e em seguida o João veste à noiva (*bisti mindjer*) com um pano de pente. A noiva foi levada para sua aldeia, mais um porco, uma galinha, um cão foi abatido e deixado com sua família, juntamente com o vinho. Jonina prossegue dizendo que a noiva permaneceu no quarto com uma anciã, que ungiu a noiva de óleo de palma vermelha no peito e só quando as festividades e todas as cerimônias terminaram é que ela tomou banho e tirou um pouco de cabelo da noiva.

No geral, segundo as nossas entrevistadas, as mulheres papéis sonham e/ou desejam se casar tradicionalmente para seguir os seus ancestrais e garantir respeito na sociedade, uma vez que a mulher passa a assumir um papel importante na sociedade. A verdade é que só a partir do momento em que a mulher se casa é que começa a participar dos momentos decisórios na comunidade.

6. A importância do casamento tradicional (k'mari) na sociedade papel

Como mostramos no primeiro capítulo, o casamento tradicional é um dos principais rituais de passagem das mulheres da etnia Papel. Ao fazer uma análise das entrevistas, percebe-se o quanto as mulheres desta etnia valorizam o matrimônio tradicional e em suas falas deixam bem claro que uma vez casadas no tradicional se sentem mais completas e valorizadas, seja na família e na sociedade em si. Mesmo reconhecendo que hoje em dia na Guiné-Bissau muitas práticas das tradições culturais e étnicas estejam sendo negligenciadas, o casamento tradicional (k'mari) mantém-se vivo entre os integrantes dessa etnia.

Segundo Pires, entre os papéis o casamento tradicional é encarado como um ato de respeito aos antepassados, uma continuidade étnica e uma afirmação da existência do próprio grupo e de seus valores. (cf. PINTO *apud* PIRES 2013). Tanto as falas das nossas entrevistadas, quanto a leitura do texto de Pires nos levam a considerar os papéis como sendo um grupo étnico muito conservador, mesmo reconhecendo que em alguns aspectos são maleáveis à mudança.

Eis as falas de nossas entrevistadas sobre a importância do casamento tradicional:

É importante o casamento tradicional [k'mari] na sociedade papel, visto que é através do casamento tradicional que a mulher conquista respeito e pode ser respeitada. A mulher casada tem mais respeito do que a mulher rica, mas que não se casou tradicionalmente. (BONHONIN).

É importante preservar o ritual da nossa etnia e seguir costumes dos meus ancestrais, adquirir respeito na sociedade e espaços privilegiados, pois tem certos tipos de rituais tradicionais que só podem participar mulheres casadas tradicionalmente. (BOMEBU).

Um dos temas que mais nos chamou atenção neste trabalho são os direitos que o 'marido tradicional' tem em relação aos filhos da mulher, mesmo que ela tenha gerado esses filhos com outro homem. Isso se dá porque as mulheres papéis consideram que o seu marido tradicional é quem tem direito aos seus filhos e o ser pai biológico não é suficiente para ter autoridade sobre os filhos. É um direito que tem trazido consequências positivas ou negativas na guarda dos filhos.

O casamento tem consequências negativas porque se a mulher for forçada para casar, após o casamento ela pode recusar e decidir voltar com o seu namorado. Nesse caso ela não poderá casar tradicionalmente com o seu namorado, porque casamento tradicional (*k'mari*) é só uma vez. Se por ventura a mulher gerar filhos nessa nova relação, o filho vai pertencer ao marido tradicional. (ABIRO UEN LO).

Sim porque foi ele que tirou a mulher da vergonha, é vergonhoso para a mulher ter filhos fora da união, se porventura um homem não casar com a mulher e outro homem vier casar com ela, esse homem detém direitos sobre os filhos. A acho que tem consequência positivas porque tem homens que só engravidam mulher, mas não assumem o compromisso de casar. A mulher fica com filhos bastardos, é vergonhoso para a família e é por isso quem assume a mulher e casa com ela tem direito aos filhos. (BIKINHO'RI).

Segundo Có (2010), em caso da realização de qualquer cerimônia tradicional do (a) filho (a), o pai biológico não terá direito a participar nos processos decisórios, aguardando a ordem do pai tradicional da criança – considerado pai verdadeiro, na tradição cultural da etnia papel. O poder da decisão sobre os filhos não cabe ao pai biológico, mas sim ao pai com quem a mãe fez a cerimônia de *k'mari*. No caso das meninas, todos os procedimentos, como pedido a mão aos pais em casamento, cerimônia de lavagem, entre outros, serão feitos na casa do pai tradicional.

Sim, porque foi ele que casou com a mulher tradicionalmente. Mesmo que a mulher resida com os filhos, continuam pertencendo ao marido tradicional. Mas na minha posição, não privaria o pai biológico totalmente do filho. Por exemplo, se o pai biológico morrer eu deixaria que o meu filho colaborasse nas despesas para a cerimônia fúnebre do pai biológico. (BONHONIN).

Segundo Einararsdottir (2004), as crianças complicam a separação de corpos. E, de modo geral, entre os papéis o divórcio, legalmente falando, é um ato difícil. Como vimos anteriormente, o primeiro marido, ou o marido que pagou o preço da noiva, tem direito a todos os filhos que suas esposas deram à luz, independentemente de ser o pai biológico. Quando uma mulher 'deixa'⁸ seu marido, espera-se que os filhos permaneçam em sua casa. Uma criança amamentando sempre seguirá a mãe, mas será devolvida ao pai tradicional quando crescer.

6.1 Rituais fúnebre diferenciado entre mulheres casadas e não casadas tradicionalmente

A etnia papel da Guiné-Bissau, valoriza as tradições culturais no que diz respeito à realização da cerimônia fúnebre, tanto para os homens assim como para as mulheres. Em seu trabalho, Có (2010) nos traz à tona duas questões: como é realizada esta cerimônia? E, por quê é que todas as pessoas, sobretudo as mulheres, preferem ter ritual ao seu agrado? No texto citado o autor procura dar mais ênfase no protagonismo àquele que consegue geralmente cumprir com todas as fases exigidas. Daí que o autor fala de *Ondjenzsem* (cerimônia fúnebre de uma pessoa casada) e *Onbamssam* (cerimônia fúnebre de uma pessoa não casada). Aos olhos da sociedade, segundo Có (2010), a cerimônia das pessoas (homens e mulheres) que não cumpriram o ritual de *k'mari*, não é realizada com grande protagonismo tal como com aquelas que conseguiram cumprir com esse ritual. Quando uma pessoa casada no *k'mari*

⁸ No caso, 'deixar' significa separação de corpos, por acreditar-se que dificilmente o casal consegue se divorciar, pois o casamento tradicional, para as mulheres, só acontece uma vez na vida.

morre é sacrificada uma cabra, e o sangue dessa cabra e a farinha de arroz da terra são derramados no túmulo da pessoa falecida.

Carlos Humberto Butiam Có diz que é o sonho de praticamente todas as mulheres papéis terem um ritual fúnebre digno e especial para demonstrar a sua grandeza e respeito perante a sociedade papel.

As nossas entrevistadas são unânimes em reconhecer a importância de se fazer uma diferenciação entre o ritual fúnebre das mulheres casadas e não casadas tradicionalmente. Segundo elas, é feita essa diferenciação da cerimônia fúnebre para mostrar que a mulher casada tem mais respeito em relação à não casada tradicionalmente, por isso a casada tradicionalmente é enterrada de um modo mais especial, no ato dessa cerimônia é usada a esteira *ondjenssem* na cova e para as não casadas é usada a esteira mais simples chamada *ombanssam*.

A mulher casada tradicionalmente tem mais respeito na sociedade. O ritual fúnebre dessa mulher será feito de um modo especial, usando uma esteira, chamada *ondjenssem* e depois de cobrir a cova quebram o pote feito de barro para demonstrar que a mulher foi casada em vida. Já o ritual fúnebre da mulher que não passou pelo *k'mari* é feito de uma forma simples. No passado não se usava nada na cova, mas hoje em dia depende da decisão de quem está dirigindo o ritual fúnebre. Caso seja do consentimento do mesmo, o oficiante da cerimônia põe a esteira por de baixo do corpo chamada *onbamssam*. (BONHONIN).

Segundo Jonina Einardosttir (2004), é considerado vergonhoso para os pais ter que enterrar uma filha solteira e 'não adulta' (*badjuda*). Uma mulher papel que nunca se casou tradicionalmente (*k'mari*) será tratada como uma menina solteira, ou seja, *badjuda*, independentemente de ser mãe ou não. Além disso, as filhas de uma mulher solteira não, podem casar de acordo com o a tradição cultural papel. Jonina nota que as mães não só se preocupam com os casamentos de suas filhas, mas também com o de seus filhos, pois para os papéis os principais ritos de passagem são o *fanado* (para os homens) e o *k'mari* (para as mulheres). A Abiro Uenlo, a Ndjimé e a Bomebu, nossas interlocutoras, defendem que é necessária a realização do casamento tradicional da mulher depois de morta, isso caso em vida a defunta não tenha sido casada tradicionalmente. O que acontece é que caso a mulher papel não se case tradicionalmente, seja em vida ou não, caso tenha filhos (as), os mesmos não poderão se casar tradicionalmente.

Se uma mulher não for casada, caso tenha filho (as), não poderão casar-se porque a mãe não casou-se tradicionalmente. É com base nisso que é necessária a realização do casamento tradicional da mulher depois da morte. Isso faz com que os filhos se preocupem com a realização do casamento da mãe depois da morte. Assim, permitindo que a futura mãe tenha acesso também à cerimônia fúnebre especial de casadas. (BOMEBU).

O casamento tradicional (*k'mari*) desempenha um papel considerável para as mulheres da sociedade papel. A mulher só passa a ser respeitada a partir do momento em que passa pelo casamento tradicional e o papel do *k'mari* seria o de atribuir à mulher cidadania, dignidade e respeito na sociedade.

O casamento tradicional tem grande papel e importância, de modo que com o casamento você ganha respeito na sociedade e lugar de prestígio, por exemplo, em algumas cerimônias só podem participar os casados a entrada dos solteiros naquele recinto é barrada. (NDJIMÉ).

Einarsdottir (2004) afirma que uma mulher papel que nunca se casou de acordo com o costume ritual de seu povo, será tratada como uma menina solteira, a chamada (*badjudá*), por toda a sua vida, mesmo que ela tenha filhos. Além disso, as filhas de uma mulher solteira não podem casar de acordo com a tradição cultural papel. A aliança matrimonial legitimada pela tradição, segundo uma de nossas entrevistadas, desempenha um papel relevante na reprodução social da sociedade papel, que se transmite de geração para geração.

O papel do matrimônio na reprodução social da etnia papel é muito importante, de modo que as mulheres seguem a tradição dos ancestrais, dos seus pais que passa de geração para geração, reproduzem o mesmo ritual assim sucessivamente. Até na situação da morte antes do sepultamento e feito o matrimônio tradicional da mulher que em vida não conseguiu se casar tradicionalmente, para que possa permitir a continuidade dessa reprodução. (BONHONIN).

As entrevistadas também afirmam que o casamento tradicional contribui para a educação das mulheres, pois trata-se de um rito de passagem. Elas dizem que os ensinamentos recebidos durante o processo ritual do casamento contribuem positivamente para a boa convivência entre marido e mulher, pois “os anciões aconselham a noiva a ser uma boa mulher, a respeitar e ponderar o marido.” (BIKINHO´RI)

O casamento tradicional contribui na educação, porque no ato do casamento os anciões educam em forma de conselho, entre os quais tratar bem o marido, sempre seguindo os passos do marido e não o ultrapassar, etc. Por outro lado, se no caso a mulher não se contentar com qualquer ação do marido, ela deve chamar os anciões para fazer uma reunião. (NDJIMÉ).

Quando perguntadas se achavam que existem mudanças do jeito que o casamento tradicional era feito antes para como é feito hoje em dia e se essas mudanças alteraram o valor do casamento tradicional (*K´mari*), as respostas variaram. Muitas reconhecem que o casamento tradicional tem passado por mudanças consideráveis, mas algumas acreditam que não mudou tanta coisa.

Tem mudança sim, porque nos tempos mais remotos no ritual de casamento as mulheres tiravam cabelo e ficavam careca, ficavam só dentro do quarto para servir o marido, não saíam nem para ir ao mercado, e se ungiam com azeite de dendê durante um ano, mas agora essa prática não é verificada. (BOMEBU).

A Bonhonin, uma de nossas interlocutoras, afirma que essas mudanças alteram o valor do casamento tradicional (*k´mari*).

Antigamente as mulheres raspavam todo cabelo e ficam carecas, mas nos dias de hoje só tiram um pouco de cabelo. Isso não é normal. Em um casamento tradicional (*k´mari*) a mulher deve tirar todo cabelo para que o ritual se torne completo. Porque raspar todo cabelo significa que a noiva está se despedindo do cabelo de menina (*badjudá*). Após o casamento cresce novo cabelo, já de mulher casada (*mindjer*). (BONHONIN).

A afirmação da Bonhonin faz sentido, pois em processos rituais de muitas tradições culturais, em especial nos ritos de passagem, o corte de cabelo é “como sinal externo de separação [...] indicando a entrada no período preliminar” (SUBUHANA, 2001, p.52). O corte de cabelo da noiva indica a sua separação e/ou saída da sua família para a família do noivo. Segundo Pires (2013) o cabelo que nascerá estará representando a nova relação familiar que está se iniciando.

A festa do casamento tradicional (*k'mari*), de uma maneira geral, “é uma festa muito divertida” (BONHONIN).

Durante a festa parentes e amigos dançam, brincam e muitas vezes é consumida muita bebida e muita comida. Na festa os amigos e familiares dançam, brincam e é comprada muita bebida e muita comida. A minha em particular foi uma festa muito divertida. Eu estava muito feliz. Casei durante a gravidez do meu filho primogênito. (BONHONIN)

Quando perguntadas se o casamento (*k'mari*) ocorreu do jeito que elas gostariam que fosse e com o homem que gostariam de se casar, cinco (5) responderam que, de fato, foi com o marido que gostariam que fosse. Uma respondeu que foi contra a sua vontade, pois ela se casou com um marido arranjado pelos pais.

Sim foi do jeito que eu gostaria que fosse e foi com o marido que de fato gostaria que fosse porque era o meu namorado desde adolescência. (BONHONIN).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vale notar que hoje em dia são visíveis ligeiros sinais de mudança no jeito em que o casamento tradicional é praticado e essas mudanças, segundo nossas entrevistadas, não alteram o valor do casamento tradicional.

Conclui-se, a partir do estudo, que o casamento tradicional papel (*k'mari*) é de extrema importância na vida das mulheres dessa etnia guineense, pois só depois que a mulher se casa tradicionalmente é que passa a se sentir mais completa, digna, mais bem-sucedida, com mais *status*, útil para a sociedade, ou seja, uma cidadã com plenos deveres e direitos.

REFERÊNCIAS:

AUGEL, Moema Parente. **O Desafio do Escombro: noção identidades e pos-colonialíssimo na literatura da Guiné Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

CÓ, Carlos Humberto Butiam. INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa), Bissau, 2010.

EINARSINARSDOTTIR, Jonina. **Tired of Weeping: Mother Love, Child Death, and Poverty in Guinea-Bissau**. Madison, WI: The University of Wisconsin Press, 2004.

MENDES, Francisco Livonildo: **Modelo político unificador**. Lisboa: Chiado, 2015

MOREIRA, Margarida Mira. **O Casamento na Etnia Papel da Guiné-Bissau**. 2013. Dissertação (Licenciatura em Antropologia) – Departamento de Antropologia. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 1993.

PIRES, Inaida. Em convite: **A performativa no casamento da etnia papel**. Disponível em: <http://oquevcfazcomasualingua.blogspot.com.br/> Acesso em: 7 ago.2013.

SEMEDO, Maria Odete da Costa. **Guiné Bissau: historias, culturas sociedade e literatura**. Belo horizonte: Nadyala, 2010.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução a pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.